

Introdução

Num domingo de manhã, minha filha de quatro anos estava sentada na sua cadeirinha de frente a uma folha de papel sobre sua mesinha. Ela segura uma caneta e começa a fazer vários sinais no papel, sinais discretos, “cobrinhas” enfileiradas no fundo branco.

– O que você está fazendo, Nicole? – pergunto eu.

– Ora, papai, eu estou escrevendo.

É de imaginar que os Nhamiquara não sabem escrever (...) [Eu] distribuí folhas de papel e lápis (...) [e] certo dia vi-os muito atarefados em traçar no papel linhas horizontais onduladas. (...) [E]screviam, ou, mas exatamente, procuravam dar a seu lápis o mesmo uso que eu (...)¹

Uma visão tradicional sobre linguagem e sentido pode ser resumida em uma famosa e muito citada passagem de Aristóteles:

Os itens na elocução são símbolos das afecções na alma, e os itens escritos são símbolos dos itens na elocução. E assim como os caracteres escritos não são os mesmos para todos, tampouco as elocuções são as mesmas. Entretanto os itens primeiros dos quais estas elocuções são sinais – as afecções da alma – são os mesmos para todos, assim como são as mesmas as coisas, das quais estas afecções são semelhanças.²

Podemos interpretar nesse trecho a proposta de uma cadeia especular e unidirecional, onde o Mundo se mostra igual para todos (as “coisas”), e deixa a mesma impressão em cada pessoa (as “afecções”). Cada povo irá usar sua própria língua, complexos acústicos particulares (as “elocuções”) que simbolizem essas afecções e, posteriormente, fará o mesmo na criação de uma escrita (os “caracteres escritos”) que por sua vez simbolize as elocuções.

Embora tal visão já tenha sofrido críticas desde a época de sua concepção, até algumas décadas atrás seus críticos em geral foram considerados como à margem do *establishment* da produção intelectual, na melhor das hipóteses, e desacreditados como delirantes e irresponsáveis na pior delas. Com o pós-estruturalismo e o desconstrutivismo, o “edifício aristotélico” foi severamente abalado, a ponto de podermos hoje dizer que a visão predominante é, em muitos

¹ Lévi-Strauss, [1955]1996, p.280.

² Aristóteles, *De Interpretatione*, 16a3.

círculos, aquela que nega o representacionismo aristotélico, pelo menos em algumas de suas leituras mais ingênuas.

Reflexões contemporâneas retomam criticamente o ideário pós-estruturalista, abrindo novas formas para pensar a escrita de um ponto de vista não aristotélico: é este notadamente o caso dos trabalhos de Sylvain Auroux, em seu projeto de História das Ideias Linguísticas. Segundo os estudos de Auroux, este trabalho enfoca criticamente o último elo da cadeia aristotélica: a escrita. Interessa-se, mais especificamente, sobre o que se tem escrito no Ocidente acerca da escrita chinesa.

Os textos em epígrafe evocam visões sobre o que é escrita que se afastam da cena desenhada na fórmula aristotélica. Como o caso do chefe Nhambiquara que orgulhosamente mostrava ao antropólogo francês Lévi-Strauss seus garranchos ininteligíveis, considerados pelo índio como uma escrita ritualística e esotérica. Ou então relembramos as famosas marcas feitas 3.200 anos atrás na dinastia Shang (商朝), encontradas pelos arqueólogos chineses e fonte de orgulho nacional, em sua tentativa de provar para o mundo, utilizando-se de argumentos técnicos e teóricos, que tais marcas seriam um sistema plenamente desenvolvido de escrita e que essa “escrita chinesa” seria a mais antiga já inventada pelo homem. Não se trata assim somente de um debate acadêmico, acerca das características necessárias para o funcionamento de um “sistema completo de escrita,” mas de uma discussão frequentemente carregada por tintas ideológicas e políticas.

A escrita, enquanto esfera de importância capital para a linguagem, tem atraído, em especial no último século, uma atenção que há muito lhe era devida e que lhe era negada à força dos argumentos tradicionais de que se tratava apenas de uma “versão decaída da fala.”

Nos momentos em que essa visão predominante foi contestada, a escrita chinesa tomou um papel protagonista como objeto privilegiado de pesquisa. Nos discursos que debateram (e debatem) os pontos mais controversos sobre a escrita e sua relação com as outras esferas da linguagem (mais especialmente com a fala), a escrita chinesa foi descrita por uns como “mais uma escrita representativa da fala,” e por outros, ao contrário, como uma escrita verdadeiramente autônoma.

O presente trabalho irá apresentar um panorama crítico dos discursos e dizeres sobre a escrita chinesa, dando atenção especial à forma como se posicionam epistemologicamente em relação aos seguintes pontos:

- (a) a relação entre a escrita e a fala;
- (b) o nexo entre escrita e metalinguagem;
- (c) a compreensão do importe icônico da escrita chinesa
- (d) a contextualização da escrita chinesa dentro do seu panorama histórico-cultural.

Serão apresentados e discutidos trabalhos técnico-científicos escritos por linguistas e, em particular, estudiosos dos diversos sistemas de escrita, aderentes à poderosa tradição representacionista, onde a escrita chinesa aparece como uma fonte de contraste com nossos sistemas ocidentais de escrita, e permite que reflitamos melhor sobre uma noção mais abstrata do que é escrita, sobre como a utilizamos, quais seus potenciais, enfim, como falar da escrita. Veremos também visões menos tecnicistas sobre a poética chinesa e sobre a história cultural e do pensamento chinês.

Durante todo o trabalho uso como fio condutor o contraste que reflete de certa forma a tensão entre aqueles que adotam uma visão representacionista e um grupo de pensares que se agregam em torno de uma perspectiva antirrepresentacionista ou, como também poderíamos denominá-la, pragmática radical.

Todavia há mesmo entre os dizeres representacionistas um debate acirrado que polariza duas visões bastante contrastivas sobre a escrita e sua inserção na linguagem humana.

De um lado, um grupo de estudos enfatiza a importância da análise técnico-científica da escrita chinesa e das formas e sistemas de escrita, e se propõe a responder uma série de perguntas objetivas, exemplificadamente: como explicar o aparecimento e a evolução dos sistemas de escrita? Como entender o que é um sistema de escrita? Existe alguma diferença fundamental entre os diversos sistemas de escrita, ou as diferenças são meramente aparentes ou superficiais? A esta vertente “técnica-tradicional” subjaz uma tese central: a escrita chinesa não é fundamentalmente diferente de qualquer outra escrita e todos os sistemas de

escrita se viabilizam e se caracterizam enquanto tal por possuírem um suporte primariamente fonético.

Do outro lado se enfileiram os autores que, quanto advoguem o representacionismo e se proponham a responder as mesmas questões acima, contestam a ideia da escrita necessariamente secundária à fala. Eles teorizam que os sistemas de escrita podem ser fundamentalmente diferentes entre si e a escrita chinesa em particular não é apenas um mero suporte para a fala. Seus argumentos são variados, embora em geral possamos identificar um importante ponto em comum nesses discursos: o eixo que une a escrita aos significados apreendidos em sua leitura são mais fortes e fundamentais do que a ligação dessa escrita com a sua dimensão fonética. Essa ligação especial entre escrita e semântica abre espaço para que subvertamos sua posição secundarizada em relação à fala e possamos admitir impactos diretos da escrita sobre a linguagem, cognição, cultura e a própria visão metalingüística sem uma obrigatoriedade sujeição à fala.

Boa parte do presente trabalho gravita em torno dos argumentos sobre o que liga a escrita à fala, bem como quais seriam suas consequências quando pensamos a escrita chinesa e, logicamente, também os outros sistemas de escrita.

Mas não nos esqueçamos do outro lado do debate que circunda a questão do representacionismo da escrita e da linguagem. É a via que se oferece como alternativa à polêmica entre os partidários do foneticismo e do semanticismo. É aquela que procura questionar não só o vínculo entre escrita e fala, mas toda a cadeia especular aristotélica como um caminho de representação unidirecional, abrindo-se então espaço para que possamos abraçar a noção de linguagem como forma de vida. São vislumbres não representacionistas que encontramos não só no trabalho de linguistas, mas também naquele de poetas e filósofos da linguagem. E muitas vezes são leituras de trabalhos “tradicionais” onde podemos enxergar lampejos de uma visão pragmática.

Não pretendo aqui aceitar incondicionalmente os argumentos dos não representacionistas, até porque como se trata de um grupo muito heterogêneo, há grande dissensão entre seus autores, porém entendo que é muito esclarecedor para entendermos a escrita ouvirmos seus argumentos, nos dispondo também a beber na fonte do mito, da poesia e da literatura como forças criadoras de mundo e de

conhecimento. Quiçá não seria esta tentativa viabilizada através da procura de um caminho alternativo àqueles prescritos pela cartilha da lógica ocidental, indo procurar no pensamento oriental alternativas epistemológicas.

E parece que este “olhar do Oriente” verte luz em novas direções e sugere novos caminhos, oferecendo novamente a escrita chinesa como protagonista privilegiada. Será feita uma apresentação da escrita chinesa e da forma como ela se relaciona com as outras línguas e escritas e com a “visão de mundo” dos nativos falantes do chinês. Basta uma olhadela superficial nos textos sobre o pensamento e a língua chinesa para vermos que se trata de algo diferente das nossas tradições ditas ocidentais. O filósofo chinês Chang Tung-sun (张东荪), em sua breve exposição sobre o pensamento chinês, esclarece já em 1939:

De acordo com o antigo pensamento chinês, primeiro vieram os signos e depois engendraram-se e desenvolveram-se as coisas. Essa afirmação difere bastante da ocidental (...) [uma vez que] o pensamento ocidental está firmemente baseado na ideia de substância (...) enquanto a característica do pensamento chinês é a atenção exclusiva às implicações correlacionais entre os diferentes signos (...). É também em virtude deste fato que não existe nenhum vestígio da ideia de substância no pensamento chinês.³

Identificamos alguma confluência de ideias e modos de ver o mundo entre esta perspectiva e aquelas afiliadas à visão “pragmática radical” e antifonetista ao qual me referi acima. Acredito assim que o pensamento chinês, e em especial o que se diz na China sobre a linguagem e sobre a escrita oferece um campo de estudo muito fértil, ao lado dos discursos e das trilhas de investigação propostas no Ocidente.

O presente trabalho está organizado da seguinte forma: após esta introdução seguem os capítulos I e II, que abrem um pano de fundo teórico e apresentam os discursos que irão refletir sobre a escrita de forma geral, como suporte para as discussões específicas sobre a escrita chinesa que constarão dos capítulos III e IV.

O capítulo I trata dos discursos sobre a escrita de forma geral, dividindo-os entre aqueles que adotam uma postura francamente representacionista e os outros que permitem interpretações não representacionistas. O capítulo II introduz ferramentas com as quais poderemos avaliar e propriamente discutir os discursos sobre a escrita chinesa, mais adiante. Segue-se o capítulo III com uma breve

³ Chang, [1939]1977, p.212.

apresentação sobre a língua e a escrita chinesa. O capítulo IV representa o núcleo deste trabalho, apresentando os discursos que relacionam a escrita chinesa com a fala e com a sua metalinguagem, além de discutir a sua iconicidade e a relação entre a escrita e a cultura chinesa. Fecha-se o trabalho com a conclusão, onde apresentamos nossas considerações finais e indicamos campos para pesquisas futuras.